



REP's - Revista Even. Pedagógica.

Número Regular: Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade

Sinop, v. 10, n. 2 (27. ed.), p. 1058-1080, ago./dez. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

OS SENTIDOS DA AUTORIA NO PROGRAMA EDUCOMUNICAÇÃO - PROJETO TV POMPEU – COLÍDER / MATO GROSSO¹

THE SENSES OF THE AUTHORSHIP IN THE EDUCOMMUNICATION PROGRAM – TV POMPEU PROJECT - COLÍDER / MATO GROSSO

Regina Uemoto Maciel Martins

Tânia Pitombo de Oliveira

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da dissertação de mestrado **Educomunicação e a TV Pompeu em Colíder/MT: as tecnologias e a autoria como constitutivas desse espaço** e tem como foco discutir a autoria no Projeto TV Pompeu. A pesquisa foi desenvolvida por levantamentos bibliográfico, documental e de campo. A técnica de pesquisa foi de entrevista semiestruturada com 57 alunos do Projeto. As análises estão baseadas nos dispositivos teórico-analíticos da Análise do Discurso. Os resultados mostram que a assunção da autoria pelo aluno possibilita a inserção dele em uma posição no contexto histórico-social, responsável pela unidade, organização e coerência do que diz.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Educomunicação. Projeto TV Pompeu. Assunção da autoria.

ABSTRACT

¹ A dissertação **Educomunicação e a TV Pompeu em Colíder/MT: as tecnologias e a autoria como constitutivas desse espaço** está disponível em <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=ppgletras-sinop&m=dissertacoes&c=turma-1>.

This article presents a clipping of the master's thesis **Educommunication and TV Pompeu in Colíder / MT: technologies and authorship as constitutive of this space** and focuses on discussing the authorship in the TV Pompeu Project. The research was developed by bibliographical, documentary and field surveys. The research technique was a semi-structured interview with 57 students of the project. The analyzes are based on the theoretical-analytical devices of the Discourse Analysis. The results show that the assumption of authorship by the student enables his insertion in a position in the historical-social context, responsible for the unity, organization and coherence of what he says.

Keywords: Discourse analysis. Educommunication. TV Pompeu Project. Assumption of the authorship.

Correspondência:

Regina Uemoto Maciel Martins. Mestre pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente, é professora efetiva de Educação Básica da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC), lotada na Escola Estadual Desemb. Milton Armando Pompeu de Barros (EEMAPB). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa, Educação e Estudos da Linguagem (GEDEL –UNEMAT) e Pesquisadora/Membro do Projeto de Pesquisa Leituras Urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte do Mato Grosso, Portaria nº 3214/2017, UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop. Colíder, Mato Grosso, Brasil. E-mail: reginauemo@gmail.com

Tânia Pitombo de Oliveira. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é professora adjunta titular da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e membro titular do quadro docente dos Programas de Pós-Graduação PPGLeTRAS - Mestrado Acadêmico em Letras e PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras UNEMAT/SINOP. Professora pesquisadora no Grupo de Pesquisa Educação Científico-tecnológica e cidadania e no Centro de educação e tecnologia assistiva. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: taniapitombo@gmail.com

Recebido em: 1 de maio de 2019.

Aprovado em: 20 de setembro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3487/2634>

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado **Educomunicação e a TV Pompeu em Colíder/MT: as tecnologias e a autoria como constitutivas**

desse espaço, apresentada em 2018/1 ao Programa de Mestrado em Letras – PPGLetras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, que trata da experiência da autora no Programa Educomunicação, enquanto coordenadora do Projeto TV Pompeu, na Escola Estadual Desembargador Milton Armando Pompeu de Barros, no município de Colíder/MT. A dissertação trabalha o diálogo entre a Educomunicação e a Linguística, especificamente no viés da área da Análise do Discurso (doravante AD). Assim, entre vários conceitos e análises desenvolvidos na dissertação, o foco desse estudo está na análise da prática discursiva dos alunos participantes do projeto TV Pompeu, em um gesto de leitura da noção teórica de autoria, na possibilidade de assunção da posição sujeito aluno à posição sujeito autor.

Os estudos da AD têm como figura central o teórico Michel Pêcheux, que é fundador da Análise de Discurso francesa que tematiza, principalmente, as noções de linguagem, ideologia, discurso, história e sujeito nos processos de significação.

[...] Ele é o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político. (ORLANDI, 2005, p. 10).

Gadet (2014, p.09) explica que para Pêcheux, “[...] é impossível a Análise de Discurso sem sua ancoragem em uma teoria do sujeito, tema que também deve ser visto como um lugar problemático, que deve ser constituído”.

Assim, pensando os processos de constituição da posição sujeito, neste estudo, procura-se compreender discursivamente o funcionamento do espaço do Programa Educomunicação – Projeto TV Pompeu como possibilidade de proporcionar aos alunos a autoria na relação autor-texto. Orlandi (2002, p. 73), nos afirma que “[...] a autoria implica em disciplina, organização e unidade”; enquanto o autor apresenta-se como uma função específica e como unidade do sujeito.

Para a autora, o autor é o lugar em que a unidade do sujeito está sendo construída. Sendo o texto como o lugar da unidade, “[...] o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com coerência e completude” (ORLANDI, 2002, p. 73). E como afirma a AD, coerência e completude imaginárias.

Orlandi define o efeito discursivo como a própria unidade do texto que deriva do princípio de autoria para qualquer discurso. Assim, um texto não precisa ter um autor específico, mas pela função-autor, conclui-se a efetiva realização da autoria. Dessa forma, Orlandi (2002) define autoria como,

[...] uma função discursiva: se o locutor se representa como eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume, a função discursiva autor é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto. (ORLANDI, 2002, p. 75).

Sendo assim, Orlandi (2002) explica que a autoria passa a ser a mais afetada pela exterioridade, tendo que atender às exigências de coerência, não contradição e responsabilidade, tornando o autor visível, identificável e controlável.

Em ato contínuo, o artigo se sustenta, trazendo primeiramente, uma breve contextualização do Programa Educomunicação e do Projeto TV Pompeu. A seguir, apresenta uma breve discussão teórica sobre as noções da AD que fundamentam as análises dos discursos. Na sequência, apresenta os discursos dos alunos participantes e suas respectivas análises. E a última parte dedica-se às considerações finais do trabalho.

2 PROGRAMA EDUCOMUNICAÇÃO - PROJETO TV POMPEU

O Programa Educomunicação ganhou força e espaço e passou a ser legitimado pelo Governo Federal a partir do Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de abril de 2007. O 'Mais Educação' integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), e é uma estratégia do Governo Federal para ampliar a jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral (BRASIL, 2009). O Programa Mais Educação tem como público alvo,

[...] escolas de baixo IDEB, situadas em capitais, regiões metropolitanas e grandes cidades em territórios marcados por situações de vulnerabilidade social que requerem a convergência prioritária de políticas públicas e educacional. (BRASIL, 2009, p. 08).

Para atingir esse objetivo, o 'Mais Educação' é constituído de atividades socioeducativas desenvolvidas no contraturno, que estão organizadas em dez macrocampos:

Acompanhamento Pedagógico; • Meio Ambiente; • Esporte e Lazer; • Direitos Humanos em Educação; • Cultura e Artes; • Cultura Digital; • Promoção da Saúde; • **Educomunicação**; • Investigação no Campo das Ciências da Natureza; • Educação Econômica. (BRASIL, 2009, p. 09).

Dentre esses, o que nos interessa é o da Educomunicação, que faz uso da linguagem midiática como prática educativa, por meio de oficinas tais como: "Jornal escolar, Rádio escolar, História em quadrinhos, Fotografia e Vídeo." (BRASIL, 2009 p. 12). As práticas pedagógicas de produção de vídeos, jornais e outras mídias contribuem para que o Programa Educomunicação conquiste espaço nas políticas nacionais educacionais e seja incentivado e considerado fundamental por autoridades dessa área.

O jornalista Mekari (2013) explica que Cintia Boll, representante da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), considera que houve aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) devido às práticas educacionais. Mekari (2013) ainda reforça que a jornalista Daniela Próspero, em sua dissertação de mestrado **Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação**, constatou, por meio de sua pesquisa, que houve melhoria na aprendizagem dos alunos que participam de atividades de comunicação em 92% das escolas pesquisadas.

Ismar de Oliveira Soares, professor titular sênior da Universidade de São Paulo (USP) é autoridade e profundo conhecedor da Educomunicação, pois é autor de 50 artigos sobre Educomunicação, responsável pelos encontros brasileiros da Educomunicação e atualmente preside a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação. O estudioso define o Programa como um conjunto de ações destinadas a:

[...] 1 - integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação (cumprir o que solicita os PCNs no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular. Esta é a razão de tantas palestras sobre a comunicação e suas linguagens);

2 - criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. Muitas das dinâmicas adotadas no Educom apontam para as contradições das formas autoritárias de comunicação);

3 - melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (Para tanto, incluímos o rádio como recurso privilegiado, tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade). (SOARES, 2004, p. 01-02).

Donizete Soares, professor de Filosofia e diretor do Instituto Gens de Educação e Cultura (Portal que trabalha com a temática educação e meios de comunicação, sob a perspectiva da Educomunicação), esclarece que, “[...] a Educomunicação é um espaço que permite questionamentos, busca e construções de conhecimentos, de ações e de experiências que levam a saberes ou partem deles em direção a outros” (SOARES, 2006, p. 04).

Dessa forma, a Educomunicação trouxe inovações nas relações de gestão e na construção dos diálogos e leituras que os participantes fazem não só da realidade que os cerca como também das imagens que fazem de si mesmos, promovendo, assim, a ‘transdiscursividade’. Termo utilizado pelo autor porque representa um discurso que vai se constituindo a cada momento com a colaboração dos membros participantes. É um discurso que se edifica a partir de suas ideias de forma genuína, sem a intervenção de professores, diretores ou pais (SOARES, 2006).

É nesse contexto, que no ano de 2012, iniciou-se o Projeto TV Pompeu, na escola Pompeu, em Colíder, na região norte do estado de Mato Grosso, como iniciativa de um grupo de professores que entendeu que o audiovisual possibilita a aprendizagem ao trabalhar de forma sinestésica, por meio do som, escrita e imagem. Os vídeos acionam a memória do cinema e da televisão e levam à associação ao entretenimento e ao lazer, fazendo os alunos se desarmarem e adotarem uma postura diferenciada de maior interesse e motivação (MORAN, 1995).

Essa leitura produziu o traçado da proposta da TV Pompeu que desafia os alunos na produção de vídeos escolares, partindo dos interesses deles, permitindo-lhes apresentar por meio das lentes da câmera os gestos de leitura sobre os assuntos que escolheram abordar. É um trabalho voluntário, em que os alunos se

organizam em equipes, discutem, pesquisam, criam roteiros, editam e apresentam à comunidade escolar.

Esse processo lhes confere a assunção da autoria, pois os vídeos são identificados com os nomes dos autores, reconhecendo nesses todos os elogios ou comentários feitos a respeito da produção digital.

Ao deslocar a responsabilidade de construção dos vídeos, não mais ao projeto, nem aos professores da escola, mas aos alunos como responsáveis pelas temáticas e questões elaboradas, permite a construção do conhecimento, por meio de pesquisas, reflexões, comparações, proporcionando o que Ausubel chama de aprendizagem significativa. “[...] Esta ocorre quando a nova informação ancora-se a conceitos ou proposições relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz.” (AUSUBEL *apud* MOREIRA, 1999, p. 153). Nesse processo, o aluno desenvolve competências e habilidades e tem ações mais autônomas e maduras, pois sabe que a produção poderá interferir na vida do ‘outro’.

Assim, o Projeto TV Pompeu justifica-se

[...] para melhorar a expressão comunicativa dentro da escola e desenvolver ações democráticas e construtivas, pois na mente dos alunos, existem muitas ideias, recursos auditivos e visuais, artísticos e expressivos, histórias e conceitos. Para facilitar o desenvolvimento desses, tem sido hoje, em sua maior parte, por meios audiovisuais e as TICs. (PROJETO TV POMPEU, 2016).

Dessa forma, destaca-se que o funcionamento da TV Pompeu é fundamental na construção e divulgação das ações e eventos realizados, promovendo entrevistas com alunos, professores e demais profissionais dentro e fora do espaço escolar. Serve, assim, como registro de momentos que vão compor a memória da instituição, tais como: gincana estudantil, semana mato-grossense, feira tecnológica e outros organizados durante o ano.

3 A AUTORIA SOB O VIÉS DA AD

O conceito de autoria é tema de discussão no decorrer dos tempos e nas diferentes sociedades. Orlandi ao tratar da noção de autor produz um deslocamento no campo da AD, dizendo que o termo autor é uma função discursiva do sujeito,

“[...] A função-autor, que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador [...]”. (ORLANDI, 2002, p. 74).

No artigo **Unidade e Dispersão: uma questão do texto e do sujeito**, apresentado em 1985, Eni Orlandi e Eduardo Guimarães defendem que a noção de autoria está intimamente ligada à noção de texto e propõem “[...] considerar a própria unidade do texto como efeito discursivo que deriva do princípio de autoria”. (1988, p. 61).

Orlandi (2002) explica ainda que a função-autor é a que mais é determinada pela exterioridade, pois a sua produção (o texto) tem que seguir exigências como coerência, coesão, clareza e outras. Essas exigências têm a finalidade de tornar o sujeito-autor controlável, visível e calculável. Lagazzi-Rodrigues explica que a assunção da autoria é quando o sujeito se coloca na origem do seu dizer, é considerá-lo como algo seu. Acrescenta que além das exigências citadas por Orlandi, assumir a autoria implica também na elaboração de um dizer com começo, meio e fim.

Assumir a autoria colocando-se na origem de seu dizer é fazer do dizer algo imaginariamente “seu”, com “começo, meio e fim”, que seja considerado original e relevante, que tenha clareza e unidade. É dessa maneira, responsabilizar-se pelo que foi dito e pelo que foi silenciado. (LAGAZZI-RODRIGUES, 2010, p. 93).

Para Gallo, a assunção da autoria é uma posição assumida. É quando o sujeito é constituído por essa posição.

O que está envolvido é a questão do “acreditar-se” autor, “sentir” que produziu, realmente [...] do ponto de vista da Análise do Discurso, é percebido pela forma de representação do sujeito que neste caso “coloca-se no lugar de autor”, “representa-se como tal”, ocupa uma “posição”. Essa forma de constituição do sujeito é que permite reconhecer a assunção da autoria, realmente.” (GALLO, 1992, p, 94).

É sob essa perspectiva que os discursos dos alunos do Projeto TV Pompeu são analisados. Busca-se compreender como a autoria significa para esses sujeitos. Retomando Gallo (1992), qual é o sentido do ‘acreditar-se’ autor, ‘sentir-se’ o responsável por sua produção?

Na continuidade das reflexões sobre autoria e escola, é importante trazer para discussão algumas questões trabalhadas por Cláudia Pfeiffer em sua dissertação de mestrado: **Que autor é este?** de 1995. A autora discute sobre a questão da originalidade e criatividade dos alunos a partir da autoria. Sabe-se que a autoria desenvolvida na escola é como se fosse uma autorização do professor para o aluno realizar a sua produção, em forma de textualidades. Pfeiffer chama a esse fenômeno de 'processo de autorização'. A autora explica.

[...] Na posição de autoridade interpretativa do professor funciona o processo de uma re-autoria (atribuição e construção de sentido) que autoriza o aluno a ser autor de determinados sentidos e não de outros. O professor apresenta ao aluno a posição de autor de sentidos que este pode ocupar. O processo de autorização consiste, então, no ato de dar uma determinada autoria aos sentidos (PFEIFFER, 1995, p.126).

No entanto, para que a autoria ocorra é necessário que existam as condições de produção adequadas. No espaço escolar, os sujeitos só se inscrevem nos processos de autoria se tiverem autorização do professor, que, por sua vez, precisa criar situações e condições para que o aluno possa ocupar essa posição.

Considerar também o professor como determinado pelas condições da prática escolar, principalmente no que diz respeito ao impedimento à interpretação, faz avançar muito as discussões sobre a autoria e sobre a produção de textos na escola. O professor dar-se a possibilidade da autoria significa, certamente, a abertura de possibilidades para que a autoria do aluno possa se produzir. (LAGAZZI-RODRIGUES, 2010, p. 98).

Nesse contexto, pode-se dizer que ao propor a elaboração de vídeos escolares aos alunos do Projeto TV Pompeu é uma possibilidade de produção das condições para a autoria, em que o coordenador do Projeto proporciona uma certa 'autorização' para autoria de determinados sentidos aos alunos, o que já é um avanço para as práticas pedagógicas.

4 ANÁLISE DOS DISCURSOS

Compreender o funcionamento da noção teórica de autoria nos discursos produzidos pelos alunos participantes do Projeto TV Pompeu é o objetivo desta

pesquisa. Para se alcançar essa meta, foram utilizadas pesquisas e técnicas coerentes com o objetivo proposto. Segue-se a descrição do processo desenvolvido.

A pesquisa tem, como sujeitos entrevistados, os alunos participantes do Projeto TV Pompeu do ano de 2016, dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da Escola Estadual Desembargador Milton Armando Pompeu de Barros, no município de Colíder – MT. A faixa etária dos alunos é de 14 a 18 anos, por ser uma escola que trabalha somente com o ensino médio. A pesquisa foi feita com alunos do ano de 2016, devido ao fato do cronograma de ações desenvolvidas ter que ser finalizado até o primeiro semestre do ano de 2017 e o Projeto iniciar as atividades anuais a partir de abril de cada ano. Sendo assim, até o primeiro semestre, haveria poucas equipes com vídeos apresentados.

Foram entrevistadas 16 equipes das 25 participantes do Projeto, sendo dois primeiros anos, oito segundos anos e seis terceiros anos, distribuídos nos períodos matutino, vespertino e noturno. Cada equipe é formada por seis a dez alunos, totalizando 57 alunos entrevistados.

No que se refere à metodologia aplicada, optou-se por pesquisas bibliográficas, *webgráficas*, documentais e de campo. A técnica de pesquisa é de entrevista semiestruturada, que segundo May,

[...] As perguntas são normalmente especificadas, mas o entrevistador está mais livre para ir além das respostas de uma maneira que pareceria prejudicial para as metas de padronização e comparabilidade. [...] Isso permite que ele tenha mais espaço para sondar além das respostas e, assim, estabelecer um diálogo com o entrevistado. (MAY, 2004, p. 148).

As perguntas constantes do roteiro foram entregues aos participantes, antes da entrevista, para que os alunos pudessem tirar dúvidas, caso houvesse. Após a aceitação de participação e da entrega dos documentos devidamente assinados, fez-se as entrevistas.

Obtido o registro das gravações, as entrevistas foram transcritas. Após, organizou-se um quadro com as diferentes respostas. A partir das respostas dadas, foram identificadas três partes: os processos de identificação; a formação imaginária e os processos de autoria. No entanto, neste artigo, apresenta-se apenas as análises dos processos de autoria, que tem por objetivo compreender como a TV Pompeu contribui para o funcionamento da posição sujeito autor.

As análises estão fundamentadas nas noções teóricas da Análise de Discurso. Faz-se necessário compreender que no percurso das análises há um momento basilar, que é marcado pela passagem entre a superfície linguística e o objeto discursivo. Orlandi (2002, p. 65) mostra a diferença entre os termos, “[...] superfície linguística é o material de linguagem bruto coletado, tal como existe e o objeto discursivo é o *corpus* que já recebeu um primeiro tratamento de análise superficial, feito em uma primeira instância, pelo analista”.

Além da noção teórica de autoria, outras noções discursivas estão presentes nas análises. Assim, faz-se necessário compreender o conceito de antecipação, pois é por meio dela que os alunos preveem a reação do público e assim planejam os vídeos. Orlandi (2002, p. 39) explica que, “[...] todo sujeito tem a capacidade de experimentar [...] de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras”.

Os recortes apresentados foram selecionados de acordo com a pergunta elaborada aos alunos participantes do Projeto TV Pompeu, para se investigar o funcionamento da posição sujeito autor. Assim, respondem a seguinte pergunta: ‘Você acredita que os alunos exercem a autoria por meio do Projeto? Explique’.

Abaixo, seguem os recortes dos discursos dos alunos que respondem à questão da assunção da autoria e logo a seguir as análises entrelaçadas aos conceitos da AD.

(01) Aluna 5, grupo II: O projeto TV Pompeu é muito importante para a escola porque possibilita que os alunos saiam do mundo da sala de aula e vá para outro mundo, criando a possibilidade de eles expandirem suas ideias, conhecerem um mundo diferente, de produzir uma TV, por exemplo, e isso possibilita que o aluno vá em busca de novos materiais, indo em busca de novos caminhos e abra sua mente para novas profissões e novos horizontes. Isso tem uma grande importância na minha vida porque eu percebi o quanto é difícil você criar, você quer ter criatividade e você não tem. Então você tem que procurar criatividade do último lugar imaginável. Então isso é muito importante, esse estímulo aos alunos é muito importante.

No recorte acima, as paráfrases ‘outro mundo / um mundo diferente’ remetem ao Projeto TV Pompeu, que é significado como outro mundo, por ser um espaço em que a aprendizagem e o conhecimento são produzidos de forma diferenciada, porque há maior liberdade, há espaço para expandirem suas ideias, há estímulos e motivação para a busca do conhecimento. Assim, poderíamos dizer que a TV Pompeu representa a polissemia, que conforme Orlandi (2002) implica na ruptura, no deslocamento das regras, produzindo o diferente. A polissemia é provocada também pela assunção da autoria, pois segundo Orlandi (2002), um texto pode até não ter autor específico, mas pela função-autor, sempre se imputa uma autoria a ele. Nesse processo, o aluno se sente responsabilizado pela elaboração dos vídeos, principalmente, na finalização deles.

Ainda no discurso da aluna 5, do grupo II, o projeto possibilita a busca de novos materiais, de novos caminhos, de novas profissões e de novos horizontes, porque o fato de permitir maior liberdade, interação, a constante troca de papéis da posição sujeito aluno para posição sujeito autor (reversibilidade), faz com que o aluno se descubra com novos talentos, novas habilidades, levando-o a encontrar vocações profissionais para se incluir no mercado de trabalho. ‘[...] abra sua mente para novas profissões e novos horizontes’.

A sala de aula, por sua vez, apresenta-se, imaginariamente, para a aluna 5, do grupo II, como a oposição a tudo que é ofertado pelo projeto, pois na prática discursiva da aluna, não há estímulo, não há expansão de ideias, não há criação, não se abre a mente, ‘[...] eu percebi o quanto é difícil criar, você quer ter criatividade e você não tem’. Isso se deve ao fato de que a escola está exercendo o papel da relação ensino e aprendizagem centrada no papel do professor, em que há limitação de ideias. Só há um agente que é o professor, detentor do poder no espaço escolar e responsável pela manutenção da posição sujeito professor, como aquele que escolhe e determina as atividades a serem realizadas pela posição sujeito aluno, mantendo a secularidade das relações, vivendo com os alunos relações de força e poder.

Pêcheux (2014, p. 76) diz que “[...] o discurso está situado, no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado.” Orlandi (2002) acrescenta que, a noção das relações de forças está relacionada ao lugar a partir do qual fala o sujeito e essa posição é constitutiva do

que ele diz. Retomando as palavras de Orlandi (1996) poderíamos dizer que estamos na posição ideologicamente assumida do discurso pedagógico autoritário, em que não há a reversibilidade, o agente é único e não há espaço para a polissemia.

É com essa perspectiva que, embora a escola ainda apresente traços do tradicionalismo, comum à maioria delas, já aceita o espaço do Projeto, que propõe mudanças, novas metodologias, em que o discurso polêmico se faz presente, pois a reversibilidade, a polissemia e a criação, mesmo que de forma controlada, já são propostas que funcionam no Projeto TV Pompeu, que propõe uma educação que permite a autonomia na construção do conhecimento e contribui para uma formação cidadã e de intervenção social. Ainda em relação à mesma pergunta, o aluno 2 responde:

(02) Aluno 2, grupo I: Sim, nós aprendemos a ter autonomia, às vezes, muitos podem ser tímidos no começo, mas depois passam a ter uma autoestima maior, você passa a desenvolver o seu lado humano, às vezes, você tinha vontade de fazer uma coisa, talvez realizar um grande sonho que vamos precisar trabalhar com várias pessoas e ali na TV Pompeu é a sua chance, a sua chance de explorar esse lado seu.

Na sequência discursiva '[...] nós aprendemos a ter autonomia [...]' ressalta-se que a autonomia não parece ser uma atitude estimulada em outros espaços pedagógicos, pois é no espaço do Projeto que aprendem o que é autonomia.

A autoria é parafraseada por 'autoestima maior/ lado humano / grande sonho de fazer alguma coisa'. A chance de oferecer um espaço de autoria aos alunos permite a autoestima, em que se sentem valorizados, pois todos estão ali para ouvirem e verem a expressão de pensamentos, ideias e emoções. É o espaço de se expor, das polifonias serem ouvidas e valorizadas.

Os sentidos da função-autor se realizam toda vez que o produtor do vídeo se representa na origem, produzindo um texto com unidade, completude, coerência, claro e distinto, não contradição e fim e o autor passa a ser visível, responsabilizando-se pelo seu dizer. (ORLANDI, 2002). Isso faz com que esse sujeito se assuma como responsável por sua produção de vídeos Essa atitude

provoca no autor, um reconhecimento, uma ‘fama’ de alguém que antes não havia sido notado, ‘[...] talvez realizar um grande sonho [...], a sua chance de explorar esse lado seu’.

O fato de o vídeo ser identificado com nome e série, permite aos alunos a autoria e isso os leva a ter consciência e responsabilidade com o que se escreve e diz. Quando se assume a autoria, a produção passa a se realizar em apenas uma forma em meio a tantas outras possíveis, uma forma única, porque para o sujeito autor só poderia ser assim. É nesse processo que se transforma o que poderia ser múltiplo em único, pois Gallo (1992) diz que a assunção da autoria consiste na assunção da construção de um ‘sentido’ e de um ‘fecho’ organizadores de todo o texto.

No projeto ninguém é melhor ou pior do que ninguém, todos têm a mesma importância e devem ser respeitados e considerados. Esse é um dos requisitos básicos da Educomunicação, pois segundo Soares (2006), a gestão é uma das propostas mais inovadoras do programa que se organiza por relações ‘horizontais’, em que não há líderes ou subordinados, todos estão na mesma linha de importância e poder.

(03) Aluno 35, grupo IX: Sim, porque através do projeto, temos a autoria que incentiva as pessoas que estão fazendo a terem um maior senso crítico, porque a ideia é que se eles vão apresentar uma coisa, eles fazem todo processo de pesquisa, então eles acabam aprendendo e aprendem também maneiras de como colocar o que eles pesquisaram dentro da temática, sem que haja plágio e sem que acabe denegrindo nada, eles buscam apenas ampliar o conhecimento das pessoas.

No recorte 03, temos a sequência discursiva ‘[...] temos a autoria que incentiva as pessoas que estão fazendo a terem um maior senso crítico [...]’ entendemos que autoria é parafraseada por maior senso crítico. Quando se pergunta, ‘Por que a autoria envolve senso crítico?’ Percebe-se que ao se produzir algo, é necessário que se emita uma opinião sobre o referente. Para isso, é preciso ter conhecimento, construir argumentos a partir do que se pesquisou, através de entrevistas, observações, visita a campo, enfim, conhecer para ter propriedade sobre o que se apresenta.

Assim, os argumentos e a realidade que são construídos a partir dessa produção, possibilitam olhares que envolvem criticidade e maior formação cognitiva. Quando se produz algo, não se pode ter a postura da cientificidade do 'é porque é' (ORLANDI, 1996), mas é necessário expor ideologias, recortes da realidade, a fim de se influenciar os leitores dos vídeos, '[...] eles acabam aprendendo e aprendem também maneiras de como colocar o que eles pesquisaram dentro da temática, sem que haja plágio e sem que acabe denegrindo nada [...]']

A relação autoria e escola é relevante, pois cria condições para a passagem da posição sujeito-aluno para sujeito-autor ao elaborar uma produção com começo, meio e fim, com coerência e coesão, transformando as diferentes posições enunciativas em um todo organizado, com efeito de sentido de unidade. É esse efeito de autoria que Pêcheux afirma ser uma ilusão necessária, o sujeito se considerar como fonte do que diz, que são funcionamentos fundamentais no espaço escolar.

Assumir a autoria do que se diz, do que se produz, permite a constituição de sentidos, que ressignifica a aprendizagem dos alunos. Ao se responsabilizar pela origem de sua produção, o aluno se identifica, reconhece-se nessa função e assume a posição de sujeito autor, melhorando a autoestima, sentindo-se importante e valorizado.

(04) Aluna 27, grupo VIII: E também contribui na parte da responsabilidade né porque quem vai estar por cima disso são os alunos e não um professor. É lógico que tem um professor para auxiliar, mas o conteúdo em si, são os alunos que fazem, os alunos que criam e colocam suas ideias.

Quando os alunos assumem a posição de função autor sentem o peso da responsabilidade, '[...] contribui na parte da responsabilidade né porque quem vai estar por cima disso são os alunos [...]', de serem responsáveis pelo seu dizer. (Orlandi, 2002). Quando o aluno diz, 'É lógico que tem um professor para auxiliar', ressalta-se a relação de re-autoria (PFEIFFER, 1995) dada pelo coordenador aos alunos para que produzam os vídeos com uma liberdade limitada, em que não se pode passar nos vídeos tudo que se pensa, deve-se antes passar pela aprovação do professor, que ainda é o 'detentor do poder'. A expressão 'é lógico' ressalta a ideia

de que dentro da escola, tudo que se faz, tem que se passar por um processo de autorização, o aval do professor, do diretor, enfim de alguém responsável pela escola, porque o aluno ainda ocupa a posição de tutelado.

Sendo assim, ao retomar Pfeiffer (1995), tanto professor quanto aluno são assujeitados a esse processo de autorização, em que nenhum deles têm total liberdade e autonomia para exercerem sua autoria de forma livre, pois o professor-coordenador tem que se submeter às normas do Projeto TV Pompeu, que por sua vez, está vinculado ao Programa Educomunicação. Já os alunos devem respeitar as normas pré-estabelecidas pelo professor, coordenador do Projeto. No entanto, pode-se dizer que embora haja as limitações impostas pelo sistema educacional, a proposta da TV Pompeu é de relações de gestão e de ações mais livres, mais democráticas, que permitem um ambiente, mesmo que de forma parcial, de produção das condições para a autoria e que, a partir dessa atitude, oferece aos alunos a possibilidade de fazerem sua construção de sentido e interpretação, permitindo através dos gestos de leitura e reflexão, a autoria nas produções digitais.

É nesse processo, nessa construção, que professor e aluno assumem a posição de autores, assumem a responsabilidade do seu dizer e identificam-se na origem de sua produção, pois a autoria, pode trazer grandes benefícios no espaço escolar, ressignificando o conhecimento construído, por meio de pesquisa, entrevistas, visita em *locus*, enfim, tornar o aluno ativo, participante e produtor do conhecimento, permitindo desatar nós delicados e difíceis de serem desfeitos.

O último trecho, '[...] são os alunos que fazem, os alunos que criam e colocam suas ideias.' Temos aqui a noção discursiva 'ilusão do sujeito'. Orlandi (2002) explica que são ilusões que são criadas pelos sujeitos na crença de que os sentidos nascem neles, quando, na verdade, são resultados de outros dizeres, pois as palavras só tem sentido porque já tiveram sentido em outro lugar, em outro tempo para outros sujeitos. É assim que as palavras, as produções adquirem sentidos, elas significam retomando outras já existentes e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre significando de muitas e variadas maneiras.

Ainda em resposta à questão elaborada: "Você acredita que os alunos exercem a autoria por meio do Projeto? Explique", obtivemos o seguinte discurso em relação à proposta de autoria ofertada pelo Projeto TV Pompeu.

(05) Aluno 49, grupo XIV: Sim, a autoria ajuda muito, porque o aluno sente mais motivado, valorizado quando ele vê que faz alguma coisa e vê que tem resultado. Ele sente até mais motivado em estudar, porque quando você faz, é um trabalho muito difícil, então exige muito trabalho e quando vale a pena realmente, você se sente gratificado, porque é bem cansativo e quando você faz e tem resultado é muito bom.

A preocupação do aluno 49, do grupo XIV, está centrada no resultado de sua produção. O reconhecimento e a valorização do que foi apresentado é fundamental para a continuidade e motivação da autoria, '[...] o aluno sente mais motivado, valorizado quando ele vê que faz alguma coisa e vê que tem resultado'.

A sequência discursiva comprova que a autoria está associada à resposta do outro. Assim, se não houver a interpretação esperada sobre o que foi produzido, o aluno, na posição sujeito autor, pode se sentir frustrado, inseguro e desmotivado a continuar. Nesse sentido, todo discurso é visto como um processo discursivo amplo e contínuo. A estrutura e os argumentos que o compõem são baseados na perspectiva que se cria em relação ao outro, pois todo discurso é produzido pensando nos efeitos de sentido que serão provocados no interlocutor (antecipação) (ORLANDI, 2002). Essa antecipação permite a regulação do que se vai dizer, como vai dizer, a fim de que se promova o efeito de sentido desejado.

Dessa forma, ocupar a posição sujeito autor pode trazer resultados opostos: Por um lado, a gratificação e o reconhecimento, levando à polissemia, ao novo, à busca, por outro, a frustração e o abandono, levando à mesmice, à continuidade e à permanência do que já existe.

(06) Aluna 7, grupo II: E isso ocorre também com a construção de novo pensamento. Você vendo o pensamento de outra pessoa, você também pode mudar, você pode mudar a sua maneira de ver aquilo, você cria um novo pensamento, você sai do seu mundo e fica exposto ao pensamento de outras pessoas.

É importante ressaltar no recorte 06, segundo a aluna 7, do grupo II, em resposta à questão sobre a possibilidade de autoria, que ter a oportunidade de

ocupar a posição de função autor, permite aos alunos a expressão de ideias e sentimentos. A convivência de diversas opiniões, por meio das posições ideologicamente assumidas e as imagens que se têm, faz com que sejam criadas novas posições ideológicas, novos recortes da realidade.

As discussões tornam-se ricos momentos de crescimento e amadurecimento das diversas imagens que os sujeitos têm da realidade para a construção do novo, da ruptura, do funcionamento do que não se conhecia, '[...] você cria um novo pensamento, você sai do seu mundo e fica exposto ao pensamento de outras pessoas'. Pois bem, é nessa riqueza de crescimento intelectual que repousa o grande benefício da mudança da posição sujeito aluno para sujeito autor, pois é só criando, produzindo, convivendo, expondo-se, que o sujeito autor se descobre e se identifica capaz de ações que desconhecia.

(07) Aluna 53, grupo XV: A autoria nos ensina a ser mais responsáveis, a ter esse efeito do que a gente está fazendo na escola. O que a gente está fazendo na escola é aprender, então quando a gente está tendo essa autoria, a gente também está aprendendo. Não que eu vou querer isso no meu mercado profissional, mas é uma forma de a gente conseguir aprender de tudo um pouquinho, porque aqui a gente não está aprendendo só as matérias do que a gente vai aprender na área que a gente quer. A gente tem que aprender para ter um rumo na nossa vida, então essa forma do programa que nos ajuda, que dá essa responsabilidade de ter autoria sobre todo o programa é uma forma de aprender e também ensinar as outras pessoas, porque nem todos tem a mesma visão. Então a gente aprende e também ensina.

Segundo a aluna 53, do grupo XV, a autoria produz efeitos de sentido de responsabilidade e autonomia. Ter a responsabilidade de produzir um vídeo para ser visto pela escola toda, movimenta a imagem, a posição ideologicamente assumida, a memória constituída pelos já-ditos de cada sujeito que estão contribuindo para o funcionamento dos vídeos, 'A autoria nos ensina a ser mais responsáveis, a ter esse efeito do que a gente está fazendo na escola [...]'. A exposição de ideias, o reconhecimento de sua voz faz com que se sintam importantes e valorizados.

A relação autoria e escola é fundamental na constituição do aluno que ocupa a posição de sujeito autor, pois segundo Orlandi (2002), tanto o sujeito como o discurso têm como característica a incompletude, a dispersão. No entanto, ao ocupar a posição sujeito autor, o aluno é regido pelo imaginário da unidade, permitindo a dominância de uma formação discursiva, uma direção ideológica, '[...] essa forma do programa que nos ajuda, que dá essa responsabilidade de ter autoria sobre todo o programa é uma forma de aprender e também ensinar as outras pessoas'. É a ilusão de se sentir na origem do dizer, que Pêcheux afirma ser necessária no espaço escolar.

(08) Aluno 23, grupo VII: Acho que quando a gente pega o programa ali, vê que todo aquele trabalho que você fez, você conseguiu ali ter um aceitamento dos outros que participaram, onde houve uma aceitação grande, acho que é, mais para frente você vê que se você levar aquilo adiante, você consegue ter uma boa formação naquele quesito.

Na prática discursiva do aluno 23, do grupo VII, evidencia-se a assunção da autoria, de produção sua, '[...] vê que todo aquele trabalho que você fez [...]'. Mas os sentidos não se efetivam apenas na autoria, mas também no processo de aceitação de sua produção pelo outro. Não basta produzir, é preciso que o outro aprove, goste da produção, para que o autor se sinta valorizado e possa acreditar no seu potencial. Passa a se sentir seguro e confiante para executar outras ações e atividades de autoria, '[...] você conseguiu ali ter um aceitamento dos outros que participaram [...] você vê que se você levar aquilo adiante, você consegue ter uma boa formação naquele quesito'.

A audiência passa a ser uma espécie de 'capital social' (ROJO, 2012). Quando o aluno é capaz de ter a aprovação dos demais alunos e tornar seu programa com grande índice de audiência é sinal que teve a capacidade de conseguir certa aprovação em seu meio social.

(09) Aluna 29, grupo VIII: É importante sim, onde nos leva mais conhecimento, onde é um aprendizado além mais do que é levado nas salas de aula, onde a gente pesquisa mais, trazemos mais informações para os outros alunos [...] TV Pompeu a

gente faz um pouco do nosso jeito com o conhecimento que a gente aprendeu, tem mais a nossa autoria.

O conhecimento produzido a partir da autoria significa diferente, por isso a aluna 29, do grupo VIII, reconhece-o como maior e diferenciado do da sala de aula, '[...] aprendido além do mais que é levado nas salas de aula [...]'. Do ponto de vista da AD, quando a aluna 29 se reconhece como autora, passa a ocupar uma posição, uma função e aprende a trabalhar a articulação interioridade/exterioridade. Quando faz essa 'construção de sentido', o sujeito entende que essa forma de produzir o programa, de construir esse conhecimento, só poderia ser assim entre tantos outros sentidos possíveis, porque é o autor, é o responsável pelo seu dizer e se assume na origem de sua produção. Quando realiza esse processo de unidade de produção, o sujeito autor transforma em 'único' o que é 'múltiplo, plural'. Assim, a produção de vídeos é um espaço de autoria que se constrói em relações significantes possíveis, determinadas historicamente.

Nesse contexto, a autoria no espaço do discurso eletrônico, ou seja, tendo como produto os vídeos, faz com que sejam produzidas novas formas de se assumir a posição sujeito autor. "A autoria, penso, agora deve ser pensada em relação ao público, à multiplicação da repetição e à quantidade. Isso certamente faz efeito sobre a forma da função-autor e, correspondentemente, do efeito-leitor." (ORLANDI, 2012, p. 183).

Assim, percebe-se que a postura ativa da posição sujeito autor demonstra ser um diferencial importante na formação dos alunos, por proporcionar aprendizagem, responsabilidade e capacidade de atuar de forma coletiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, constatou-se que os sentidos da autoria realizam-se em diversas formas: aprendizagem e conhecimento diferenciados, responsabilidade, reversibilidade de posições dos sujeitos, novas habilidades e competências, maior senso crítico, expressão de ideias e autoestima.

Os sentidos que se movimentam em relação à aprendizagem e ao conhecimento são de singularidade no Projeto. Imaginariamente, a autoria funciona

porque o conhecimento e aprendizagem partem dos alunos, do que pesquisam, dos assuntos que lhes interessam, das entrevistas, das visitas a lugares e pessoas para coleta e organização dos vídeos. Todo esse processo envolve a autoria a qual Orlandi (2002) diz que implica em disciplina, organização e unidade.

Além disso, verificou-se que a proposta de o Projeto TV Pompeu autorizar aos alunos a execução da produção dos vídeos, com autonomia e autoria reforça os sentidos: (i) do senso crítico, ao apresentarem ideias que saibam argumentar; (ii) da expressão de ideias, ao se sentirem na origem do seu dizer; (iii) da responsabilidade, ao considerarem, imaginariamente, que são autores, responsáveis por tudo que foi produzido e (iv) da reversibilidade das posições ocupadas pelos alunos e o coordenador do Projeto, pois as discussões são 'horizontais', segundo Soares. Na assunção da função autor, o aluno se descobre com novas competências e habilidades, como por exemplo, aprender a editar um vídeo.

Há ainda outro ponto a se destacar entre os sentidos da autoria: o da autoestima. O 'acreditar-se' responsável pelo seu vídeo, na origem do seu dizer é a grande motivação da função autor. Pois Orlandi explica que ao assumir a posição discursiva da autoria, o autor passa a ser visível, controlável e fica exposto às críticas, comentários e elogios. Isso os motiva a buscarem mais a cada produção, a atingirem a superação, a serem os melhores. E quando chegam a esse patamar e são reconhecidos e valorizados, aumentam a autoestima.

Pois bem, é nessa riqueza de crescimento e maturidade dos alunos participantes que repousa o grande benefício da assunção da autoria, pois é só criando, produzindo, convivendo, expondo-se, que o sujeito autor se descobre e se identifica capaz de ações que antes, desconhecia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa mais educação** – Passo a passo por Maria Eliane Santos, *et al.* Brasília: MEC – Secad., 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passopasso_maiseducacao.pdf. Acesso em: 22 fev. 2018.

GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução: Bethania S. Mariani [*et al.*]. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014. p. 07-10.

GALLO, Solange. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LAGAZZI-RODRIGUES, Susy. Texto e autoria. *In*: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Discurso e textualidade**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 81-103.

MATO GROSSO. Escola Estadual Desembargador Milton Armando Pompeu de Barros. **Projeto TV Pompeu**, Colíder - MT, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/eedesmiltonarmando.pompeudebarros/posts/1630751020388767>. Acesso em: 07 ago. 2019.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Tradutor: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEKARI, Danilo. Educomunicação ganha espaço nas políticas educacionais de educação. *In*: **Portal Aprendiz**, 02 de setembro de 2013. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2013/09/20/educomunicacao-ganha-espaco-nas-politicas-nacionais-de-educacao/>. Acesso em: 22 fev. 2018.

MORAN, José. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 2, p. 27-35, jan./abr. de 1995. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios_pessoais/vidsal.pdf . Acesso em: 06 ago. 2019.

MOREIRA, Marco Antônio. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. *In*: MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999. p. 151-165. Disponível em: <http://docplayer.com.br/48779946-Capitulo-10-a-teoria-da-aprendizagem-significativa-de-ausubep.html>. Acesso em: 06 ago. 2019.

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. *In*: ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988. p. 53-73.

ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Linguagem**. Vitória da Conquista, n. 01, p. 09-13, jun. 2005. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>. Acesso em: 11 jul. 2019.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 179-183.

PÊCHEUX, Michel. Capítulo III – Parte 1 - Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani [et al.]. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014. p. 59-158.

PFEIFFER, Claudia R. C. **Que Autor é Este?** 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270699>. Acesso em: 14 mar. 2018.

ROJO, Roxane H. R. **Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola.** *In*: ROJO, Roxana H. R; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Donizete. **Educomunicação: o que é isto?** Instituto de Educação e Cultura Gens, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/369456-Educomunicacao-o-que-e-isto.html>. Acesso em: 13 maio 2016.

SOARES. Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?** Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/27.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2017.